

FILOMENO DA CÂMARA DE MELO CABRAL

Filomeno da Câmara de Melo Cabral nasceu a 10 de Fevereiro de 1873, em Ponta Delgada, e veio a falecer a 27 de Janeiro de 1924.

Era filho de Filomeno da Câmara Melo Cabral, médico, professor de Medicina e reitor da Universidade de Coimbra, e de Maria Ana Portocarrero da Câmara.

Assentou praça na Armada em Novembro de 1890 e, depois de seguir a carreira de oficial nesse braço armado (guarda-marinha, em 1893; segundo-tenente, em 1895; primeiro-tenente, em 1902; capitão-tenente, em 1915; capitão-de-

-fragata, em 1917; e capitão-de-mare-e-guerra, em 1929), ocupou o posto de comodoro por ocasião de manobras realizadas em 1931.

No seu desempenho militar, destacou-se como governador da província de Timor, nos períodos de 1910 a 1913 e de 1914 a 1917, havendo conduzido, durante o primeiro mandato, a pacificação da região do Manufai, naquele território ultramarino.

Republicano da ala conservadora e dirigente da “Cruzada Nuno Álvares”, ganhou protagonismo político pelo envolvimento em diversas acções conspirativas ainda durante a I República, de que é exemplo o movimento de 8 de Abril de 1925. Eleito deputado em 1925 – candidato que fora do Partido Nacional Republicano, pelo círculo de Ponta Delgada –, participará, no ano seguinte, no golpe militar de 26 de Maio, alinhado com a facção conservadora do general Sinel de Cordes, no seguimento do qual vem a integrar o governo do general Gomes da Costa, à frente da pasta das Finanças, que exerce entre 19 de Junho e 9 de Julho de 1926.

Regressa ao palco dos acontecimentos políticos em 12 de Agosto de 1929, apoiado por Fidelino de Figueiredo, com a intenção de realizar um golpe militar que o conduzisse ao poder como ditador, na ideia de reforçar o autoritarismo do regime de então.

Afastado do continente, ocupará, ainda em 1929, o cargo de alto-comissário em Angola, mas seria demitido dessas funções no ano seguinte, facto a que não foi alheia uma revolta empreendida contra a sua administração. Detinha as comendas de Torre e Espada, de Cristo e de Avis.



ARQUIVO CENTRAL DA MARINHA. FOTO J. P. SABINO